

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

Os mercadores alemães de Lisboa por volta de 1530

Para a história económica e social de Portugal e do seu mundo ultramarino uma das tarefas mais importantes é o conhecimento pormenorizado da estrutura da população dos portos portugueses, especialmente de Lisboa. Em que grau é possível, desde o século xv, falar duma burguesia portuguesa, em que medida aumentou o afluxo de estrangeiros, até que ponto pode falar-se dum processo de naturalização e quantos estrangeiros ilá ficaram para se aproveitarem duma situação momentaneamente favorável? Naturalmente o estudo da história das colónias das várias nações tem que contar, com dificuldades consideráveis. A conservação dos documentos portugueses é muito fragmentária. É preciso procurar possibilidades de completar as fontes portuguesas nos arquivos dos outros países. O investigador tem que contar com as dificuldades das várias línguas e escritas. Mas no fim sentir-se-á muitas vezes compensado com resultados que ajudam a avançar a investigação um passo mais adiante. O estudo seguinte, sobre a colónia alemã existente em Lisboa por volta de 1530 funda-se em documentação — além da de Lisboa — de Simanaas, Antuérpia, Augsburg e Nuremberga.

II

Magalhães Godinho, nas suas investigações sobre as crises económicas do século xvi (*), acha os anos de 1517 até 1523 da importância dum «tournant mondial»⁽²⁾. Destaca como os factores

^(*) Vitorino Magalhães Godinho, *Crises et Changements géographiques et structureaux au XVII^e siècle*, em *Studi in onore di Armando Sapori*, Milano, 1957, pp. «179 ss..

⁽²⁾ Id., *Le Tournant mondial de 1517-1524 et l'Empire portugais*. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos — Portugal. *Studia*, 1, Lisboa, 1958, pp. (H84 ss..

mais importantes que influíram na evolução dessa época a expansão brusca do império turco com a anexação da Síria e do Egipto, o nascimento do império de Carlos V com a conquista do México e do Peru pelos espanhóis, o início da Reforma, o começo das empresas comerciais dos franceses contra portugueses e espanhóis, o «démarrage» industrial de Veneza e o desenvolvimento industrial da Inglaterra, especialmente de Londres. Vejamos, perante este fundo de conjuntura esboçado, a situação de Portugal, especialmente de Lisboa. Sobre a evolução do comércio de especiarias e drogas na capital portuguesa à custa de Veneza não há dúvidas; entre 1617 (o ano em que os turcos invadiram o Egipto) e 1530 Veneza viu-se obrigada a render-se totalmente no comércio da especiaria, a favor de Portugal (3). Infelizmente, até agora ainda não se conhece a história pormenorizada da Gasa da Índia, a das armadas que saíram para as Índias Orientais e a dos mercadores que emprestaram ao Rei o dinheiro para fretar «os navios. São somente fragmentos que se acham mencionados nas publicações. Ao princípio os florentinos, — os Marchione, Frescobaldi, Gualterotti e Serinigi — (4) tinham as melhores posições, fazendo-se o negócio em estreita colaboração entre as casas de Antuérpia e de Lisboa. Já em 1508 os Affaitadi de Cremona se mestraram como competidores dos florentinos, notabilizando-se sob a chefia de João Francisco até 1528 e depois sob o seu sobrinho e genro João Carlos. Desde 1514 os Affaitadi com os Gualterotti e o grupo cristão-novo dos Mendes exploraram a maior parte do monopólio português das especiarias. Estes não contribuíram com todo o capital, mas fizeram participar outras casas em número de 6 até 12. A companhia limitou-se à venda das suas quotas na Flandres e o resto podiam as outras casas vender nas várias partes

i(3) *id.*, *Le repli vénitien et égyptien et la route du cap*, em *Hommage à Lucien Febvre, Éventail de l'Histoire vivante*, offert par l'amitié d'Historiens, Linguistes, Géographes, (Economistes, Sociologues, (Ethnologues, II, (Paris, 1963, p. 2*916.

!(4)* *Icf.* J. Denucé, *ItaliaanSche Koopmansgeslachten te Antwerpen*, \Amsterdam, 1934, pp. II s., 57 s.; Clemens Bauer, *Untermehmung und Unternehmungsformen im Spätmittelalter und in der beginnenden Neuzeit*, Jena, 1935, pp. 40 s.; Duarte (Gomes), *Discursos sobre los comercios de las dos Indias*. Edição organizada e prefaciada por Moses Bensabat Imzalk, Lisboa, 1943, p. 1317.

cta Europa. Depois do pleito contra os Mendes em 1532, os Affaitadi ligaram-se com outro grupo de cristãos novos e com os Giraldi.

Os alemães, de vez em quando, tentaram suplantiar o comércio mencionado (5). Dispondo de géneros tão importantes como o cobre, a prata e os cereais, e sendo a Europa central e do Norte o meroado mais favorável para a venda da pimenta, »entraram por vezes em concorrência com os italianos e portugueses. Conhecemos as negociações de representantes portugueses em Augsburg, como Torné Lopes, em 1515, e depois Rui Remandes, em 1519-20, com os Fugger e outras casas, trocando pimenta por cobre (6). Concluiu-se então um contrato sobre 6.000 quintais de pimenta, de que os Welser tomaram metade e os Rem um quarto. Também os Fugger tinham uma parte (7). Depois, quando se iniciaram as largas negociações para o consórcio da irmã de D. João III com Carlos V, o Rei propôs ao «Fugger pagar» o dote »em pimenta, 30 000 quintais, a entregar em três prestações nas feiras de Antuérpia, de Setembro de '15*2*1, no Ano Novo e na Páscoa de 1522 (6). Mas nesta altura os Fugger não tinham grande interesse nos negócios de Lisboa. Nessa época realizava Magalhães a sua expedição, ao serviço do rei espanhol, a circum-navegação do continente sul-americano em busca duma nova rota para as ilhas das especiarias. Quando a *Vitória* voltou, em 1522, foi o alemão Henrique Ehinger, do grupo dos Augsburgueses, quem comprou

(6) Cf. *Lo q ha escrito Zuriga 19. Set. (1524)*: «...q no se ha cõcertado con los alemanes en lo dia pimienta y se carga pa enbialla en nonbre del Rey y p los mercaderes de liisboa sy no se hazen pt^{do} con ellos...» (»Archivo Oene ral de (Simandas, *Estado*, 368, fols. 2'2-24).

(6) Arquivo Nacional -da Torre (do Tombo, Lisboa, *Corpo Cronológico*, Parte 1, Maço li7, Doc. 1216 '(caita de Tomé Lopes a El-ÍRei, de 213J5^15'15), varias cartas idle IRui Fernán des nos maços 25' e '2'6; cf. também Bjaamcamp Freire, *Maria Bran loa a do » Cristal*, em *Arquivo Historico Portuguez*, VI, 1190*8, pp. 379 s.; Santarém, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal*, OE, pp. 336 s.; *Tagebuch des Lukas Rem*, em *24/25 Jahresbericht des Vereins für Geschichte von Schwaben und Neuburg*, Augsburg, 1861 ; Konrad Häbler, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, r9'03, p. 34.

(7) 'Denuoé, *Italiaansche Koopmansgeslachten*, p. i8'5.

(8) Konrad »Häbler, *Die Geschichte der Fugger'sehen Handlung in Spanien*, Weimar, 18917, p. 310; J. Lúcio de »Azevedo, *Épocas de Portugal Económico, Esboços de História*, Lisboa, 1<947, p. 124.

parte do carregamento dia nau ⁽⁹⁾. Nos anos seguintes, os Welser, Rem e Hierwart compraram ao Rei de Portugal grandes quantidades de pimenta e outras especiarias ⁽¹⁰⁾. Quando Carlos V procurou interessar os seus súbditos na armação de novas frotas com destino às Molucas, contou também com o dinheiro dos alemães, concedendo aos Welser, em 1525, um privilégio que lhes deu a liberdade de tráfico nas terras ultramarinas de Espanha ⁽¹¹⁾. Assim vemos que os Fugger e os Welser participaram quase com 3 quartos na armação dos navios com que Fray 'Garcia de Loaysa nesse ano saiu para as Molucas.

Na primavera de 1506 partiu outra «armada sob o comando do veneziano Sebastião Caboto, mas desta vez com pequena participação dos alemães. Entretanto, reavivadas as discussões a respeito da linha demarcatória entre as possessões dos portugueses e dos espanhóis, Carlos V, não querendo entrar em conflito com o seu cunhado D. João III, assinou em 1529 o tratado de Saragoça, pelo qual as Molucas, em troca duma indemnização, ficariam nas mãos dos portugueses ⁽¹²⁾.

Essa evolução das possibilidades ultramarinas teve consequências para a actuação dos alemães no mercado das especiarias. Lisboa, onde chegariam no futuro todas as frotas de drogas, especiarias e jóias orientais, despertou outra vez mais interesse, e assim vemos como, devido a este desenvolvimento, vários mercadores alemães de Antuérpia estabeleceram feitorias na capital portuguesa. Em 1526, no mês de Fevereiro, a companhia de Joaquim Pruner e Kilian Rietwieser nomeou seus irmãos Hans Pruner e Hans Rietwieser plenipotenciários em Lisboa ⁽¹³⁾. Os Pruner

⁽⁹⁾ Karl H. Panhorat, *Deutschland und Amerika. Ein Rückblick auf das Zeitalter der Entdeckungen und die ersten deutsch-amerikanischen Verbindungen unter besonderer Beachtung der Unternehmungen der Fugger und Welser*, München, 192a, p. 95.

⁽¹⁰⁾ iP. Wiganfd, *Wetzlarische Beiträge für Geschichte und Rechtsaltertümer*, »I, p. 3104; *Die Welser. Des Freiherrn Johann Michael v. Welser Nachrichten über die Familie iür den Druck bearbeitet (von Ludwig Freiherr von Welser)*, 'I, p. 105.

⁽¹¹⁾ Konrad Häbl-er, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, ILeipzig, 1903, p. 4®.

<⁽¹²⁾ Of. Alfredo Pimenta, *D. João III*, Porto, 1936, p. 144.

⁽¹³⁾ Jacob Strieder, *Aus Antwerpener Notariatsregistern*, p. 43 s. (Nr. 36, 12-3-151216).

eram de Berlim, os Rietwieser de Würzburgo. Kilian Rietwieser foi em ISIS a Leipzig, onde fez fortuna, e depois deslocou a sua actividade para Antuérpia.

Um dos alemães mais activos residentes em Lisboa nessa época foi Jorge Herwart, originário de Augsburgo'. Os Herwart pertenciam ao «patriciado» de Augsburgo, cuja actividade mercantil já está documentada no século XIV ⁽¹⁴⁾, tendo relações importantes com o mercado italiano. Um certo António Herwart fez, em 1494, a viagem a Espanha e Portugal com Jerónimo Münzer. Nessa altura o seu irmão mais velho, Jorge, tinha a direcção da empresa. 'Estes Herwart são conhecidos como participantes do sindicato do cobre, de que eram membros também os Fugger, os Baumgartner e os Gossenprot. Jorge Herwart morreu em 1508; sobreviveu-lhe seu irmão Cristóvão, que nos anos seguintes adquiriu uma fortuna bastante grande, de tal modo que, em 1522, pertencia ao grupo dos dez cidadãos mais ricos de Augsburgo. Cristóvão Herwart fez grandes transacções em sociedade com outros, emprestou dinheiro ao governo neerlandês ⁽¹⁵⁾, ao Rei D. Fernando, combinando as negociações bancárias com o negócio de géneros. Em sociedade com os Bimmel e os Fugger, Herwart explorou durante vários anos as minas de prata de Schwaz, no Tirol. Uma das feitorias mais importantes foi estabelecida em Antuérpia, sendo ali feitor, em 1522, Lucas von Stetten, e mais tarde seu irmão Cristóvão von Stetten. O comércio com pérolas e pedras preciosas adquiridas em Espanha e Portugal figurou entre os negócios mais interessantes da feitoria.

Na família das Herwart o nome de Jorge não 'era raro. Já mencionámos um Jorge Herwart, morbo em 1508. Outro Jorge, filho de Marx Herwart, casou, em 1524, com Verónica Bimmel. O Jorge Herwart de Lisboa era meio-irmão de Filipe, Mateus, Paulo e Pedro Herwart ⁽¹⁶⁾. Já em 1511 o achamos em Lisboa,

i⁽¹⁴⁾ Jacob Strieder, *Zur Genesis des modernen Kapitalismus. Forschungen zur Entstehung der grossen bürgerlichen Kapitalvermögen am Ausgange des Mittelalters und zu Beginn der Neuzeit*, 2.º Ed., München-Leipzig, 1935, pp. 107 ss..

⁽¹⁵⁾ 'Richard Ehrenberg, *Das Zeitalter der Fugger. Geldkapital und Kreditverkehr im 16. Jahrhundert*, 3.ª Ed., Jena, 1922, pp. 21'8 ss..

⁽¹⁶⁾ .Gf. (Augsburgo, Arquivo Municipal, *Schuld- und Klagsachen*.

então como representante da casa dos Fugger (17). Entre os nomes dos mercadores que entregavam prata ao tesoureiro da Casa da Moeda encontramos o seu, sob a forma de «Elberte» ou «Embertin» (18). Em Março de 1526, Joaquim Pruner deu poder a Francisco de Witte, de Haarlem, para receber do mestre Dierik Ysebrantszon 18 rubis, que Herwart, em Lisboa, entregou ao mestre numa carta para Pruner (19).

Herwart tornou-se o mercador especialista em jóias mais eminente de Lisboa, chegando a fazer contratos com o Rei para que toda a pedraria que se comprasse fosse para os dois (20). Herwart tinha o seu representante na Índia Oriental e possuiu nos arredores de Lisboa uma oficina para lapidar pedras preciosas (21). Há duas fontes alemãs que nos dão uma ideia deste mercador. Uma é o *Geschlechterbuch* da família von Stetten (22) fundado por Cristóvão von Stetten, nascido em Augsburg em 1506 e morto em 1556. Este Cristóvão von Stetten, filho do mercador Miguel von Stetten, entrou, em 1523, ao serviço da casa de Cristóvão Herwart de Augsburg (23), na feitoria de Antuérpia, em que o irmão mais velho, Laux von Stetten, já tinha uma posição de confiança. Depois de haver servido quatro anos os seus chefes, deram-lhe toda a responsabilidade nas coisas comerciais, não somente a guarda dos livros, da caixa, dos gastos mas também a gerência «das compras e vendas e a resposta às cartas para Veneza, Augsburg, Nuremberga, Breslau, Leipzig, Lisboa, Sevilha, Espanha» (24).

(17) Häbner, *Die Geschichte der Fugger sehen Handlung in Spanien*, p. 26.

(18) *Apontamentos para a história da Moeda em Portugal*, Lisboa, 1878, Jorge Elberte: 1517, Março 21, Junho 9, Outubro 6; Jorge Embertin: 1521, Julho, 5, Agosto 17 e 20, 1524, Junho 18.

(19) Stieder, *Aus Antwerpener Notariatsregistern*, p. 465 (Nr. 38, 28-3-Ü526).

(20) Cf. (Apêndice).

(21) Hannah S. M. Amburger, *Die Familiengeschichte der Koeler. Ein Beitrag zur Autobiographie des 16. Jahrhunderts*, em *Mitteilungen des Vereins für Nürnberger Geschichte*, 30, 1893, p. 22-9.

(22) iQf. *Stetten-Jahrbuch*, IMGML, Id Band. *Deren von Steten Geschlechterbuch MDXXXVIII*, bearbeitet und herausgegeben von Albert Haemmerle, p. 18 (Citaldo: *Stetten-Jahrbuch*).

(23) *Stetten-Jahrbuch* II, p. 52' s..

(24) *Stetten-Jahrbuch* II, p. 52 s.

Uma das especialidades da casa dos Oerwamt de Augsburg consistia no trato das pérolas e é interessante saber que também o genro de Cristóvão Herwart, Sebastião Neithart ⁽²⁵⁾, desenvolveu a sua actividade nesse campo no mercado de Sevilha ⁽²⁶⁾. Oe que quantidades se tratava revela-nos um episodio contado por Cristóvão von Stetten. No ano de 1*5127, von Stetten, voltando de Antuerpia a Augsburg, trazia consigo 100 libras de pérolas. Nessa ocasião refere que, no mesmo ano, apresentou a conta de «ó quintais e tantas» libras de pérolas ⁽²⁷⁾, que, importadas de Espanha, ele tinha comprado em Antuérpia. Durante uma outra estadia nesta cidade recebeu a notícia de que o feitor da companhia de Cristóvão Herwart em Lisboa tinha feito um contrato com Jorge Herwart a respeito de todas as drogas sobre que Herwart contratara com o Rei. Além disso, o feitor, chamado Ambrosio Esel, tinha muitas contendras com alguns fidalgos a quem comprara pedras preciosas, especialmente um grande diamante, que pagou demasiado caro; tendo a intenção de anular a transacção, foi assassinado ⁽²⁸⁾. A casa tinha então dois homens para ocupar o posto de Lisboa: Cristóvão Pissinger ⁽²⁹⁾, que nessa época fazia uma viagem a Espanha com o encargo de chegar a Sevilha, e Cristóvão von Stetten. Os Herwart de Augsburg julgavam, então, o negócio de Lisboa tão importante, que queriam que von Stetten fosse ajudado por Pissinger. Mas Pissinger, como von Stetten escreve, temia as contendras de Jorge Herwart e a Inquisição. Assim, Cristóvão von Stetten fez a viagem a Lisboa sozinho, no Outono de 1530, atravessando a França e chegando à capital portuguesa dentro de 15 dias.

Chegado a Lisboa, perguntou pelos alemães (que estavam ao serviço da companhia de Augsburg), -especialmente Cristóvão Raiser e o irmão de Ambrosio Esel, mas não se encontravam na cidade;

^{y(25)} Casou -em 1'513 com Helena Herwarth, *Stetten-Jahrbuch*, (TI, p. 51, n. 1.

¹⁽²⁶⁾ ;Sobre Sebastião (Neithart cf. ;Ehrenberg, 11. c., I, pp. 220 s., Arquivo Geral de índias, Sevilla, *Contactaria*, leg. 2'710; *Indiferente*, leg. 1092.

⁽²⁷⁾ «Albert Haemmerle crê que não eram pérolas autênticas mas pérolas «de Corães ou perlmutter», mas quem conhece o mercado de Sevilha nessa época sabe que nele houve trato de pérolas das índias.

⁽²⁸⁾ *Stetten-Jahrbuch*, UI, p. 6(7).

⁽²⁹⁾ 'Sobre os Pissinger: cf. Strieder, *Aus Antwerpener Notariatsarchiven*, indice.

tendo comido carne na noite de S. O Bartolomeu, haviam sido denunciados por Jorge Herwart, por inveja, de modo que todos tinham fugido, excepto Jobst Tetzdl ⁽³⁰⁾, que foi preso. Refere von Sbetten que os que serviam naquela companhia foram absolvidos graças à intervenção do Tesoureiro-IMor Fernão Alvares, «filho dum cristão novo», «porque ¡El-Rei nos devia dinheiro». O próprio von Sbetten vestiu-se com as roupas de seda que tinham pertencido a Ambrosio Esel, montou numa mula ^(30a) e com a sua catta credencial fez a visita oficial ao Rei, a quem teve de responder «com muitas circunstâncias». Vê-se pela descrição de Stetben que estes representantes das grandes casas se 'apresentavam dum modo quase diplomático. Pensa-se que a feitoria dos Herwart de Augsburgo se compunha de algumas pessoas, entre elas um ou outro jovem alemão, como também o primo de Cristóvão von Sbetten, Ludwig Meyting, que, duas semanas depois da chegada de IStetben, veio a Lisboa com os navios do Rei, via Flandres, para servir como «moço». Este Meyting veio com «muita prata e letras de câmbio para El-Rei».

(Nas memórias de Cristóvão von Sbetten, Jorge Herwart não é por ele bem tratado. Stetten chama-lhe patife; temendo que este tivesse vindo para descobrir a sua actividade conflituosa, Herwart recebeu-o com boas palavras, mas na realidade deu-se ao trabalho de o prejudicar. Nessa época declarou-se em Lisboa uma epidemia de peste que causou muitos mortes. O Rei e sua esposa, irmãos e toda a corbe, fugindo ao perigo, foram para «Palmeda» ⁽³¹⁾, o que prejudicou von Stetben, que assim se via restringido nas possibilidades de fazer os seus negócios. No entanto, von Stetten aproveitou-se das ocasiões que lhe surgiram e comprou pedras preciosas, tendo-o ajudado as memórias de Pissinger e os conselhos dos seus amigos de Lisboa. A maior parbe destas pedras foi enviada por Stetten a Pissinger para Sevilha, no original ou pelo menos em cópias. Continuando a epidemia, também oficiais da Casa da Índia saíram de Lisboa e foram para «Santis» ⁽³²⁾, ao sul da cidade, na ribeira do Tejo. Vendo que os negócios escasseavam cada

*⁽³⁰⁾ Escrito «Detzel». iProvavelmente um membro da família dos Tetzdl do Nuremberga.

^(30a) Von Stetten escreve *Esel*=burro.

⁽³¹⁾ iPalmeda: provavelmente Palmeia, vila no distrito de Setúbal.

⁽³²⁾ Santis = Santos.

vez mais, von Stetten, em companhia de Jobst Tetzl, retirou-se para a quinta de João Brandão (feitor português «em Antuérpia), situada em Benfica, esperando fora da região da peste os 40 dias precisos para poder entrar na corte.

Entre os acontecimentos sucedidos durante esta estadia, von Stetten menciona a chegada duma baleia morta, a Belém, no dia 23 de Janeiro de 1531; era tão grande que um homem a cavalo não podia ver o dorso do animal. «Da gordura desta baleia se fizeram 60 toneladas de pingue. Na noite de 26 de Janeiro deu-se um terremoto tão terrível, que não houve uma casa em Lisboa que ficasse sem dano. Cerca de 800 pessoas pereceram. Seguiram-se outros dois terremotos, às 5 horas da manhã e ao meio-dia de 27 de Janeiro; a população da cidade, assustada, fugiu. Na quinta, os muros tiveram fendas, mas não houve desmoronamento. Nessa altura apareceu um profeta pressagiando o fim do mundo dentro de 15 dias, por meio de outro terremoto. A consequência foi o povo, ainda mais apavorado, deixar as casas para ficar nas praças ou grandes jardins. Von Stetten também viveu assim durante 14 dias, com toda a criadagem, no campo. Este período de incerteza e pavor continuou por quatro semanas havendo todos os dias tremores de terra, que foram causa da continuação da epidemia, tornada tão violenta que só num dia morreram 300 pessoas. Entretanto, Veit Hõrl, feitor dos Fugger em Espanha, veio para negociar na corte e também com Jorge H/erwart, a quem o Rei tinha confiscado um grande diamante, pela sua dívida, que importava em cerca de 30 000 ducados. Hõrl tencionava comprá-lo com outras joias para os Fugger e além disso estava encarregado de contratar com o Rei sobre um câmbio; não pôde, porém, realizar o seu intento.

Hõrl veio ter com Stetten e quando finalmente lhe foi concedida audiência na corte, juntamente com Herwart, Stetten queria acompanhá-los a Palmeia, mas os oficiais não o deixaram entrar: aproveitou (então a intercessão de Lucas Giraldi, feitor dos Affaitadi, com quem, chegado a Palmeia, passou a habitar na Casa da Câmara, por falta de outras instalações. Gastou dez dias a solicitar a liquidação da soma — 24 000 ducados» — que o Rei devia aos chefes de Stetten. Por mediação de Lucas Giraldi, Fernão Alvares ofereceu-se para pagar em vários prazos, à razão de 12 % por ano. Assim foi concluído o contrato alguns dias depois. Por mediação

de Francisco Lobo⁽³³⁾, feitor dos Schetz⁽³⁴⁾, e de Hans Welser⁽³⁵⁾, teve ocasião de fazer inscrever o alvará do Rei na Casa da Índia, estabelecida então, como dissemos, em Santos, nos arredores de Lisboa, onde lhe foram concedidos 13' % de interesse. Verifica-se que, entre outros negócios, Stetten tratava com trigo, chegado em navios, provavelmente da Flandres, e, além disso, negociava um contrato para comprar uma grande quantidade de especiarias depositadas na Casa da Índia, compreendendo 1.100 quintais de cravo, 700 de canela, 200 de «mazis», 300 de noz moscada e mais 10 000 quintais de pimenta, '1/3* para si, 2/3 para Francisco Lobci, pagando 1/13 logo em seguida, o outro terço um ano depois na Flandres e o último terço dentro de dois anos; o Rei precisava nessa altura de dinheiro para armar os navios destinados à Índia Oriental. A situação para a conclusão do contrato, segundo Stetten, era favorável, porque os Fugger lhe pediram que mandasse dinheiro de Lisboa para Flandres⁽³⁶⁾; havia assim a possibilidade de utilizar este dinheiro. Mas infelizmente o contrato não foi concluído, e o Rei enviou a sua especiaria para a Flandres ao feitor português. Os chefes de Stetten somente receberam 1.000 quintais de pimenta em pagamento da dívida real.

Entretanto Stetten recebeu uma carta de Augsburgo para liquidar a feitoria de Lisboa, enviar Meyting a Sevilha e Cristóvão Raisser, outro auxiliar, à Índia Oriental. Raisser saiu de Lisboa para a Índia no mês de Março, com muitas mercadorias e com a

⁽³³⁾ Von Stetten escreve «Lolbo»: *Stetten-Jahrbuch*, p. 62.

⁽³⁴⁾ Os Bdhetz: Fernand Donnet, *Notice historique et statistique sur le raffinage et les raffineries de sucre à Anvers (XV^e au XIX^e siècle)*, Anvers, 1892, pp. 6 s.; E. Daenell, *Zu den deutschen Handelsunternehmungen in Amerika im 16. Jahrhundert*, em *Historische Vierteljahrschrift*, 13, 1910, pp. 133 s.; J. Demieé, *Anvers et l'Amérique latine dans l'histoire*, em *Ulenspiegel*, 1934, p. 52; J. Strieder, *Aus Antwerpener Notariatsarchiven*, índice; F. Sommer, *Os Schetz da Antuérpia e de S. Vicente*, em *Revista do Arquivo Municipal*, ano IX, col. XCIII, S. Paulo, 1943, pp. 75 s.; E. Simões de Paula, *As Ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos*, em *Revista de História*, São Paulo, 1956, pp. 539 s.

*⁽³⁵⁾ Hans Welser: *Ludwig Freiherr von Welser. Eine Urkunde zur Geschichte des Nürnberger Handels*, Würzburg, 1912, p. 10.

⁽³⁶⁾ «Wolten sy mir 50 — Sonnenkron par dahin senden». *Stetten-Jahrbuch*, p. 63.

ordem de vendê-las, devendo, em vez de Fock⁽³⁷⁾, que até então servira como agente de casas alemãs, comprar pedras preciosas. Raiser só chegou até ao Cabo da Boa Esperança, donde, por motivo de doença, voltou a Lisboa. Aqui ficou até à terminação do contrato com os seus chefes, pois entrou ao serviço dos Fugger. Meyting não chegou a Sevilha ; foi acometido de peste e morreu em Lisboa. Foi sepultado em São Domingos, onde os alemães tinham as suas sepulturas. Impressionado, e assustado pela morte do seu companheiro, 'Stetten apressou-se a preparar a partida retirando-se para outra quinta, onde pôde terminar as escritas necessárias que deixou a Francisco Lobo. Von Stebten partiu com a posta uma semana antes de Pentecostes. Viajando por Medina dei Campo, Valladolid, Saragoça, Barcelona, Perpignan e Lyon chegou a Augsburg três semanas depois de Pentecostes. Por não haver recebido a recompensa que tinha esperado, deixou o serviço. A propósito disso refere Stetten que Sebastião Neithard, genro e sócio de Herwart, fora o causador deste tratamento pouco nobre.

Justamente durante as semanas em que iStetten se achava em viagem para a Alemanha, Jorge Herwart, em Lisboa, por intermédio do embaixador espanhol Lope Hurtado de Mendoza ⁽³⁸⁾, tentou vender um grande diamante à corte 'espanhola. Lope Hurtado escreve que Herwart pedia pelo diamante 160.000 ducados, a pagar em quatro anos, uma parte em dinheiro, a outra em aljôfar :<y en sacas de trigo y esclauos para llevar a las índias despues de acabado el concierto q su mgt tiene com qules qujer mercaderes las otras dos». Um preço elevado, 160.000 ducados, mas o embaixador julgava que Herwart daria o diamante por menos de 100.000 ducados. Louvou-o muito o embaixador: «la mejor cosa es que ay en la xpriandad». E continuava: «y el Rey es parte en esto porçj Jorge Herbart tiene hecho un partito con el rrey que toda la pedraria q se comprare sea por los dos/ y este diamante dize Jorge Herbart que le compro su factor en la India en cierta manera y que no ha de aver parte el Rey/ veiese por justicia/ ya lo q me han dcho a my mercaderes el Jorge la tiene mejor...» Lope Hurtado oferecia-se como mediador, e para melhor promover

(37) Trata-se do feitor Ida casa dos Hirschvogel de Nuremberga.

(38) Arquivo Geral de Simancas, *Estado*, SW, f. 45, s. f.

o negócio, Herwart procurou obter um alvará especial do Rei para vender o diamante, que entretanto se achava depositado em poder do Tesoureiro-Mor Femão Alvares ⁽³⁹⁾.

Não se sabe se o negócio se fez. Em todo o caso, Herwart continuou a sua actividade em Lisboa. Quando Jerónimo Koeler, jovem mercador de Nuremberga, fez a sua viagem a Lisboa em 1534, encontrou também Herwart. Sobre esta viagem escreve Koeler nas suas memórias, das quais tiramos o seguinte ⁽⁴⁰⁾. Em 1533 foi a Antuérpia onde fez um contrato com o mercador Hans Paur, originário também de Nuremberga, que provavelmente podemos identificar com aquele «João Dahur», que nos anos de 1523 e 1624 entregou prata ao tesoureiro da Casa da Moeda para mandar cunhar ⁽⁴¹⁾. O facto de Paur ter o seu agente em Lisboa, Eberhard Eberdeis, deve ser uma prova das boas relações que este mercador de Antuérpia mantinha com a capital de Portugal. Estando na cidade de Schelde, Koeler não se sentia muito, bem; as saudades obrigaram-no a mudar de domicílio, e assim, fez, no ano de 1534, uma viagem a Lisboa. Munido de dinheiro e de cartas de recomendação a Eberhard Eberdeis, Koeler tomou contacto com vários membros da colónia alemã, assim como com Marcos Hartmann, feitor de Lázaro Niirmberger de Sevilha, Miguel Maynard, Jacob von Strossen e «Georg Herbart», de quem conta Koeler que a sua quinta se encontrava a um quarto de légua de Lisboa. Herwart tinha uma oficina de diamantes onde se lapidavam 365 pedras de cada vez. Tinham a intenção de especializar Koeler em lapidar diamantes, mas não se realizou. Koeler ficou 3 meses em Lisboa, cujos habitantes avaliou em 300.000, dois terços mouros, um terço brancos- ⁽⁴²⁾. Durante este tempo foi com Eberdeis a «Villa Franca e a Santarém para ver algumas joyas». Por fim o condestável do rei quis fazer Koeler um arcabuzeiro ⁽⁴³⁾, mas o nuremberguês seguiu para Sevilha.

1(39) Cf. Apêndice.

'⁽⁴⁰⁾ IOf. IAmurger, 1. c., pp. 229s.

'⁽⁴¹⁾ *Apontamentos para a história da moeda em Portugal* 15213, Setembro, 17; 1524, Abril, 14.

<⁽⁴²⁾ Amurger, 1. c., p. 230.

'⁽⁴³⁾ «dia wolt des Konigs conestabal einen buchsmaister au9s mir machen».

Hans Primer, feitor da companhia dos Primer e Rietwieser de Antuérpia, morreu em Lisboa a 23 de Setembro de 1531, deixando uma casa no valor de 1.500 ducados de ouro, uma máquina para lapidar diamantes que lhe fora dada em penhor pelo preço de 11 600 reais e cujo preço real era de 12 ducados de ouro mais ou menos, um cavalo no valor de 20 ducados, 6 (anéis de ouro com diamantes e rubis avaliados no total de 60 ducados, ainda um anel com armas no valor de 4 ducados mais ou menos, e livros em língua latina. Devido a uma enfermidade, faltaram a Pruner as forças para continuar o seu trabalho; então a companhia procurou outro feitor, ie, a partir do dia 1 de Fevereiro de 1531, Marcos Hartmann de Ulm viu-se obrigado a servir a companhia durante nove anos como feitor ⁽⁴⁴⁾. Encarregando-se dos negócios de Hans Pruner, cobrou dívidas de Michiele Hahn e Lenard Nardi, pagou somas à feitoria dos Wclser de Lisboa, a Tourhaim Hegielinck, ao velho «mestre Hans» ourives, a Albrecht Rademann, a Lucas Gira'ldi, a Jerónimo Seiler ⁽⁴⁵⁾, ao confessor de Pruner, ao boticário, ao barbeiro, ao médico, ao deão e aos directores da capela de São Domingos.

Mas as relações entre Hartmann e os seus chefes não se desenvolveram ifavorãdvmente; já no mês de Maio de 1532 a companhia lhe tirou os poderes para dá-los a Anton de Lannoy, então em Antuérpia, e a Jorge Hemelricx van Bombergen, residente em Lisboa ⁽⁴⁶⁾. No mês de Março «Speidell Andrea Alantsen», feitor da casa nuremberguesa de Andreas Hirschvogel, tinha dado uma letra de câmbio sobre 3.000 ducados a Hartmann para pagar na feira da Páscoa de Bergen op Zoom; mas a letra não foi paga, e então Joaquim Pruner, representante da companhia dos Pruner e Rietwieser, deu o seu poder a João Huyser ⁽⁴⁷⁾ para cobrar a soma de Hirschvogel. Em 25 de Outubro de 1532 a companhia dos Pruner e Rietwieser fechou o convénio com Hartmann ⁽⁴⁸⁾

⁽⁴⁴⁾ (St ris der, *Aus Antwerp&ener Not artat sarchiven*, p. 57, (Nr. 5'2) e 73 s. (Nr. 83, 25-10-H532, e nr. 85, 25-10-15312).

⁽⁴⁵⁾ Jerónimo Seiler cf. Ehrenberg, 1. c., II, ipp. 220 s., 3311 s., II, S'1 s., *Die Wclser*, II, pp. i91 Panhorst, 1. c., p. 106.

⁽⁴⁶⁾ Strieder, 1. c., p. 04 '(Nr. ÓO, 7-5-1532).

⁽⁴⁷⁾ João Huyser: provavelmente aquele João Häuser (ou de las Casas) que no segundo decénio representou, em Lisboa, a Casa dos Imhof; cf. Kellenbenz, *A estadia de Ulrich Ehing&er em Lisboa*, no prelo.

⁽⁴⁸⁾ J Cf. (Strieder, 1. c., p. 73< i(»Nr. 83, 25-10-15312).

onde Jerónimo Koeler o encontrou *como* feitor de 'Lázaro Nürnberger de iSevilha (49).

III

Em conclusão: este estudo deu-nos uma visão de conjunto da vida e actividade da colonia alemã de Lisboa numa época em que, graças ao tratado de Saragoça e às dificuldades que existiam nas rotas orientais dos venezianos, o monopólio português das especiarias continuou na sua posse. Mostraram-se estes alemães como competidores notáveis dos italianos e cristãos novos, não somente os Welser, Fugger e 'Riem, mas também o grupo dos Herwart, especialmente Jorge Herwart, que, além disso, aparece como especialista no mercado importante das pedras preciosas.

Jorge Herwart foi um dos poucos alemães que viveram em Portugal durante largo tempo. Outros, como Cristóvão vcn Stetten, somente lá viveram para aproveitar-se de ocasiões temporariamente favoráveis. O facto de ios Herwart de Aug^hburgo, depois de frustrar-se um grande contrato com o Rei, terem dissolvido a sua feitoria de Lisboa, mas terem continuado os negócios de Sevilha, parece-me significativo para a primazia dos italianos e portugueses, quer dizer dos cristãos novos, no mercado de Lisboa. Além disso, o desenvolvimento das questões entre o Império turco e as posições portuguesas na Índia Oriental conduziu a uma crise do monopólio português das especiarias em favor dos venezianas. Apesar de a expansão ter continuado — como mostra o exemplo da construção da fortaleza de Dio (50) em 1535 — parece-me significativo o que 'escreve Luís 'Sarmiento de 'Mendoça, -embaixador 'espanhol, em carta de 7 de Maio de 1537 : «Al Serenissimo Rey le a venido una nueva cierta de que esta muy fatigado y assi mismo lo dixo el Señor Ynfante don Luys y tiendo muy secreto per que les conviene para su contra'taçi-on de la 'espeçeria y es que un rrey alia de la yndia de donde le traen la espeçeria prendió un Capitán del rrey de Portugal que ¡tenia cargo de una grand cantidad de espeçeria con otra companhia de mercaderes, de aca diz en que hera grand cantidad, Y «asi los Portuguesies con la dicha 'espeçeria lleváronlo alia por via del Turco, y sábese que esta en Costantinopla por que

(49) ¡Amburger, 1. c., p. 231.

(60) Magalhães 'Godinho, *Crisis et changements géographiques*, p. 98Q.

se sabe aqui por cartas de los mismos cativos que an embiado por via de Vençia, y dixomie iel Señor Ynfante que perdia el rrey de presente mas de quinientos mili ducados en las baxas que se harían de los contratos de su lespeçeria', por que no los 'tienen hechos por que vendra aquella espeçeria por via del Turco a Venecia, y sera causa que por la misma via se haga adelante questo «es lo que syempre aca se a temido y asi dize el Señor Ynfante que terne que sera causa que se acabe de perder el trato de la yndia ques el cavdal de todo lo de aca, crea vuestra Señoría que despues que vino esta nueva no therna dia .el rreyno para de consejos, yo de a ver visto aqui tanta novedad sospecharía otra cosa y asi andando en rrastro de saber lo que hera supe esto del Señor Ynfante don ILuys» (51). Então os venezianos conseguiram, à custa dos portugueses, novas possibilidades de apoderar-se de partes da produção 'oriental de especiarias e drogas, tendo em conta a flutuação de tais possibilidades, como parece mostrar a evolução dos rendimentos da alfândega de Ormuz (52). 'Para os alemães e flamengos de Lisboa que continuavam a sentir-se atraídos pelo mercado desta cidade já houve, nesses anos, além dos géneros orientais, outras coisas que lhes interessaram: foi o açúcar das Ilhas atlânticas «e do Brasil. No ano de 1533 instalou-se o primeiro «engenho» na ilha de São Vicente, nos arredores de Santos, sob a direção de Martim Afonso de Sousa. Um dos participantes daquela empreza foi João von Hülsen que era provávelmente originário de Huís, um lugar nos «arredores de Krefeld (53).

HERMANN KELLENBENZ

(51) |Arquivo Geral de Simancas, *Estado*, leg. 371, f. 62; Hermann Kellero benz, *Zur Problematik der Ostpolitik Karls V.*, em *Karl V. Der Kaiser und seine Zeit*. Herausgegeben von Peter Rassow und Fritz Schalk, Köln-Graz, .18*00, pp. 13(0 s.

| (52) Magalhães Godinho, *Crises et changements géographiques*, p. S«86.

(53) Karl Heinrich Oberacker, *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*, São Paiulo, .18(56, p. 40; E. Daenell, *Zu den deutschen Handelsunternehmungen in Amerika im 16. Jahrhundert*, em *Historische Vierteljahrschrift*, 13, 1010, p. 185.

APÊNDICE

Eu el Rey faço saber ja quantos este meu aluara vire q eu ey por bem e dou licença q Jorge heruart alemão venda a qual quer príncipe/ ou pessoa ou'tra de qualquer calidade q seja/ o diamão grande q pesa sesenta mangelys sobre q se trata demanda entre/ o procurador de meus feitos e o dito Jorge/ e esto peio maior preço q se pollo dito diamão poder achar/ e que lho asy comprar sayva certo q por yso não Reçiuo ninhu desprazer ante me dello prazera e ofinal preço por q se o dito diamão ouuer de vender se fara e asentaría cõ fernão aluarez meu th^{ro} moor e esprivam de minha faz^{da} en cujo poder ficara depositado/ o precio porq se asy vender atee se determinar finalmente a dita demanda q se sobre ele trata e porq todo me praz como dito he e se manda dar este p mim asinado ã môte moor o nouo a XIIIJ de mayo p anriqz a fez de MDXXXI este qro q se guarde posto q não pase p la chiancel^{1*1®} se embargo da ordenação ã cõtrayro fernão daluarez o fez escriuir

El Rey.

(Arquivo Geral de Simancas, *Estado*, leg. 3>69, f. 45)